

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO— ANNO 50 (NUMEROS) 13000 RS., SEMESTRE
75 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO ANNO (50 NUMEROS) 13125 RS., SEMESTRE
(25 NUMEROS) 570 RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL.. 25000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA, NUMERO 7.

AVEIRO

LIBELLO ACCUSATORIO

DOS

DIRIGENTES DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUEZ

(APONTAMENTOS PARA O PROXIMO CONGRESSO)

Não são as dissidências que matam os partidos, enquanto se mantêm no campo dos principios. Antes são as valvulas de segurança dos agrupamentos politicos, quando n'elles se manifestam indícios de decomposição, de deslealdade ou de apostasia. Assim:

1.º O sr. Theophilo Braga accusou em 1879 os srs. José Elias Garcia e Bernardino Pinheiro de agentes monarchistas no seio da democracia portugueza, em livro que corre por ahí. E accrescentou: «Em 1878 o centro republicano democratico fragmentou-se em dois, segundo as côres da politica monarchica que o desmembrara, republicanos-regeneradores e republicanos-progressistas. As sublimes aspirações de 1848 haviam-se perdido depois da morte de Henriques Nogueira, e os seus secretarios ao serviço dos partidos monarchicos acostumaram-se a toda a pratica de cavillações.»

Como estas accusações eram profundamente verdadeiras, o partido republicano, em lugar de sofrer com ellas, manifestou-se activamente no centenario de Camões e continuou a sua marcha triumphante até ao tratado de Lourenço Marquês.

2.º Os srs. Latino Coelho e Bernardino Pinheiro accusaram, por sua vez, o sr. José Elias Garcia de regenerador, em documento publico. Como a accusação era verdadeira, os srs. Latino Coelho e Bernardino Pinheiro não fizeram senão servir n'esse momento a causa democratica. E o partido republicano ganhou em prestigio e em força.

3.º Tendo o sr. Salmeron, n'um discurso pronunciado no theatro d'Alhambra, Madrid, em dezembro de 1882, advogado a união ibérica declarando que eram d'esse parecer muitos homens publicos de Portugal, o sr. Theophilo Braga respondeu-lhe na *Folha do Povo* que fizera mal em se fiar no que lhe dissera algum *blagueur* portuguez nos cafés de Paris. O *blagueur* era o sr. Trigueiros de Martel, tão cruelmente tratado n'esse artigo pelo sr. Theophilo Braga. O sr. Martel quiz por esse facto abandonar a politica e deixar o *Seculo*. Mas como o sr. Theophilo Braga tinha razão, o partido seguiu a sua marcha imperturbavel, forte e respeitado.

4.º O *Seculo* tratou muitas vezes com claro azedume a *Democracia*, órgão do sr. José Elias Garcia, nomeadamente a proposito do arcebispo de Góa ter suppellido uns periodicos, agosto de 1882, e a proposito dos trabalhos da commissão d'apuntamento

da eleição municipal, novembro de 1883. Este *ultimo azedume* deu até logar a que o sr. José Elias entrasse pela redacção do *Seculo*, furibundo, e lançasse em rosto ao sr. Magalhães Lima a connivencia que este teve nos accordos monarchicos sobre o negocio de Lourenço Marquês. Porém, como o *Seculo* estava em bom terreno a causa só teve que ganhar com a sua attitude e nada mais.

5.º O *Seculo* de 16 de março de 1883 pregava uma grande decompostura na *Folha do Povo*, questão Casimiro Freire. E no dia immediato rompia terminantemente relações com ella. Decompoz e rompeu muito bem!

Por conseguinte, não foi nunca a dissidencia que comprometteu a causa republicana em Portugal. Compromette-la-hia, sim, se os chefes fossem todos dotados d'espírito recto e boas intenções. Não o sendo, as prevenções do sr. Theophilo Braga contra o sr. Bernardino Pinheiro e José Elias, do sr. Theophilo Braga contra o sr. Martel, do sr. Latino Coelho contra o sr. José Elias, do *Seculo* contra a *Democracia*, do *Seculo* contra a *Folha do Povo* etc, não prestaram senão irrelevantissimos serviços ao principio republicano. A lucta estava travada. D'um lado os republicanos-regeneradores e os republicanos-progressistas. D'outro lado os que eram só republicanos. Enquanto estes conservassem a sua autonomia, o partido autonomo ficava. Em a perdendo, era inevitavel a ruina do agrupamento democratico.

Assim foi. A união intima que hoje existe entre todos os dirigentes, o facto do sr. Theophilo Braga ter esquecido todas as suas reivindicações d'outr'ora, a camaradagem dos diarios republicanos vem provar simplesmente que a lucta dos principios se substituiu a conformidade d'ambições e a uniformidade d'interesses. E por isso o partido que era forte, quando mais accesas estalavam as dissidências entre os chefes, está hoje na prostração que se conhece. E por isso peor estaria ainda se não fosse a resistencia aberta dos dissidentes actuaes, que não tem feito outra cousa que deter o gigante á borda do abysmo insuflando-lhe uma vida que de ha muito lhe vem escasseando. Por isso, se não fôra a dissidencia do sr. Manuel d'Arriaga no negocio barjonaceo, o partido republicano estaria completamente acorrentado aos pés da monarchia.

Não é, pois, a dissidencia que vem matando o partido republicano, antes o tem salvado até hoje, mas a harmonia que reina nas suas altas regiões, que é uma harmonia baseada em interesses illicitos e torpes ambições, e mais a imbecilidade, ausencia de principios, covardia e má fé revelada nos seguintes factos.

6.º Sobre os attentados praticados pelo inclito Arrobos contra os estudantes no centenario do marquez de Pombal, maio de 1882, o sr. José Elias Garcia mal se limitou a dizer duas palavras

na camara, não erguendo a questão energica, levantada e patriótica que o caso reclamava. Essa attitude desgraçada não só impressionou desagradavelmente todo o mundo como levou a descrença ao coração dos moços academicos, retirando ao partido republicano as sympathias nascentes d'essa classe importante.

7.º A circumstancia dos progressistas terem reunido um comicio no dia 8 de junho de 1882 para combater a negociata conhecida pela Salamancada, indignou o espirito publico contra os republicanos, que se deviam ter anticipado no movimento. Não só se não anticiparam como soffreram em toda essa campanha notavel o desaire, que nunca mais esqueceu, d'andarem sempre a reboque da Granja.

8.º A indignação subiu de ponto quando se soube que o sr. José Elias Garcia, unico deputado republicano, não teve *uma so* palavra para combater no parlamento essa negociata infame. Não podia deixar de descer no conceito do publico um partido, que dizendo-se de moralidade e de reabilitação, não só tolerou esse silencio sem protesto como reelegueu em candidaturas successivas um tal *representante* dos ideaes democraticos. Uma vergonha eterna, que muitos procuraram explicar por circumstancias intinas mais vergonhosas ainda.

9.º No dia 26 de novembro de 1882 estava para se realizar um comicio, em Lisboa, a proposito das questões da nunciatura e do Congo. A pretexto ridiculo da morte d'uma irmã do sr. Magalhães Lima não se realison esse comicio. Assim o declararam sem pejo ao paiz, n'uma especie de manifesto, os srs. Trigueiros de Martel, Theophilo Braga, Jacintho Nunes, Consiglieri-Pedroso, Alves Correia e Silva Graça.

Por mais dolorosa, respeitavel e triste que seja a morte de uma senhora, nunca esse acontecimento, embora essa senhora fosse esposa d'um ministro d'estado, quanto mais irmã d'um simples agitador, foi motivo para que se addiasse uma manifestação patriótica e nacional. Nada mata mais que o ridiculo e esse ridiculo ficou gravado no espirito do povo, tanto mais que deu logar a que se escrevesse e dissesse que não teve outro fim senão encobrir o medo que se apôs dos chefes republicanos por o governo os ter intimado a não realizar o comicio.

10.º Essa supposição confirmou-se plenamente no domingo seguinte, domingo para que os chefes haviam addiado o comicio. Como dissemos atrás, o governo mandara intimar os promotores da manifestação a que não a levassem ávante. Estes resistiram e não obstante ser unicamente por medo que a não realizaram no dia 26 de novembro, agarrando-se ao primeiro pretexto futil que lhes appareceu, annunciaram-na para o domingo immediato. N'esse dia, 3 de dezembro, reunido o comicio, o commissario de policia intimou a sua dis-

solução ao sr. Jacintho Nunes, presidente. E o sr. Jacintho Nunes immediatamente obedeceu. E com elle os srs. Trigueiros de Martel, Theophilo Braga, Sabino de Souza, Magalhães Lima, Pedroso e Anselmo Xavier, que estavam presentes. No dia immediato perguntava-se com justificados motivos:—se os chefes republicanos não tinham tenção de resistir e de retirar obrigados só pela força, porque não acceitaram a intimação que previamente lhes tinha sido feita? Não a acceitando, é claro que evidenciavam o desejo de resistir. Não resistindo, lavravam a incapacidade absoluta do partido republicano como partido militante. E este soffreu-lhe as consequencias continuando a descer no conceito do publico.

11.º Porém, estava para vir a monstruosidade maior. A 9 de dezembro de 1882 lia-se em grandes letras no *Seculo*:

«O partido republicano resolveu dirigir um manifesto ao paiz relatando e commentando os ultimos acontecimentos e tambem querellar da auctoridade, que tão ineptamente violou a lei no domingo passado.»

São hoje 11 de dezembro de 1887 e ainda todo o mundo espera pelo manifesto do partido republicano e pela querella da inepta auctoridade! Um cumulo de ineptia era e é o directorio d'esse partido. Por isso de ridiculos passámos a risiveis para o paiz trabalhador e pensante.

12.º A 5 de novembro do mesmo anno, perdia o sr. Magalhães Lima a eleição que se propozera pelo circulo de Santos. Dois dias depois, tambem em grandes letras, lia-se no *Seculo*:

«N'uma grande reunião, que no domingo se realison na redacção do *Seculo*, resolveu-se eleger uma commissão provisoria, que se encarregasse, com a possivel brevidade, d'organizar a caixa economica do partido republicano de Lisboa. Essa commissão enceta os seus trabalhos amanhã, quarta-feira, 8 do corrente, pelas 9 horas da noite n'esta redacção.»

E no dia 10 continuava:
«Na reunião que hontem se realison n'esta redacção ficou eleita uma commissão de cinco membros, encarregada d'elaborar, no *mais curto prazo de tempo*, o projecto d'organisação da caixa economica do partido republicano de Lisboa.»

De maneira que na grande reunião de domingo ficara eleita uma commissão provisoria, cujos poderes só duraram um dia! Porque na quarta-feira immediata elegia-se a commissão definitiva.

Fosse como fosse, é certo que são hoje passados mais de cinco annos e ainda a tal commissão, de que faziam parte os srs. Trigueiros de Martel, Ernesto Loureiro e Souza Brandão, não apresentou os seus trabalhos. Isto é serio? Ha partido possivel com tal gente a dirigi-lo? Que o diga a consciencia de todos. E terminaremos no proximo numero.

Ainda hoje não temos vaga para nos referir detidamente a maneira escandalosa e abusiva como o sr. escriptão de fazenda collectou por ahí a torto e a travéz.

Para os que ainda ha poucos dias engrinaldaram a casa e enfeitaram as janellas na passagem de suas magestades é muito bem feito para que nunca se esqueçam de quem quer festa sua-lhe a testa. Suas magestades não passem de graça e muito menos o sr. Manuel Firmino presta serviços gratuitos. Então puchem pelos cordões á bolsa e sejam, se quizerem, mais previdentes no futuro.

Para os que soffrem sem responsabilidades a consequencia do abuso é revoltante a pouca vergonha e por esses e só por esses nós entraremos na questão.

E o que já volta á primeira vista, sem mais exames nem delongas, é a grande culpabilidade que os dirigentes progressistas da terra tem n'este deploravel negocio. Não é admissivel que não tivessem conhecimento das irregularidades do sr. escriptão de fazenda quando lhe podiam obstar. Ha muito que a opinião publica reclamava. Ha muito que os contribuintes vinham apontando os abusos. E os dirigentes progressistas, em lugar d'ouvirem queixas tão justas e reclamações tão attendiveis, como lhe impunha, não só a missão de funcionarios como a de jornalistas, que o são, acharam melhor auxiliar o brutamontes na perseguição do malgrado Mourão e até para o incitar na campanha gloriosa e o animar no desprezo dos interesses da cidade lhe arranjaram uma portaria de louvor. Agora, porém, que vêm o *Zé a espantar-se* é que se lembram de promover syndicancias, que só servem para illudir os incautos, e d'aconselhar ao povo que faça representações e que não pague, promettendo-lhe a sua protecção para assim o enganar melhor e armar á popularidade.

Lembrança triste, que ainda mais vem evidenciar e provar a maneira incorrectissima como tem procedido em tudo isto.

Falaremos outra vez.

O LYCEU

É necessario que a população d'Aveiro se convença de que todas as resistencias são justas e sympathicas quando se operam no campo da legalidade e no sentido d'um interesse superior para uma terra sem prejuizo das alheias, ou n'um fim respeitavel e sagrado de qualquer povo honrar os monumentos que os seus grandes homens lhe deixaram, que é honrar-se e respeitar-se a si honrando-os e respeitando-os a elles.

Estão ahí dois jornaes da opposição, que parecem zeladores da moralidade publica e das patrias regalias pelos ataques que dirigem dia a dia ás auctoridades

progressistas. Porque é que esses jornaes não tomam connosco a peito esta questão importantissima, e não encetam uma campanha incessante contra o iniquo e tristissimo projecto da mudança do lyceu? E' verdade que o *Correio de Aveiro* já censurou duas vezes a monstruosidade a que nos vimos atendo e até referindo-se uma d'ellas ao nosso modesto semanario. Mas permitta o collega que lhe digamos, sem vislumbres de censura, que não é bastante. O collega bem sabe que negocios d'esta natureza não ficam resolvidos com um simples protesto. Sem uma attitud permanente, e permanentemente energica, os poderes publicos passam para deante rindo-se de nós. E por isso temos a certeza de que o collega, conscio da verdade que avança, não deixará connosco, visto que fomos os primeiros a pôr de parte todas as diversidades da politica para obstar a esta tollice sem igual. parar a importantissima questão que se debate sem a certeza completa de que não se tocará na obra veneranda de José Estevão.

O mesmo nos é permitido dizer do outro periodico opposicionista. Mais energia e mais constancia. Não queiramos que os verdadeiros patriotas nos colloquem na esteira dos vandalos firministas e nos lancem as mesmas culpas e responsabilidades. Aqui, o caso não é simplesmente descarregar a gente a consciencia com um simples artigo. Não basta protestar. Não basta lavar as mãos como o Pilatos da lenda. E' preciso impedir a todo o transe que o misero attentado se execute. E para isso só uma campanha bem sustentada e bem dirigida poderá ser efficaz.

Esta questão não é nossa; não é do *Povo de Aveiro*. Não é uma questão pessoal nem a questão d'um partido. E' a questão de todos que amam o progresso, a civilização e as glorias da sua terra. Se todos se pozermos a ella tenazmente, sabendo esconder e desprezar rivalidades e miseros despeitos, a causa da justiça e do progresso vencerá. Se a fatuidade, o despeito e a indifferença predominar a tudo, dois inconvenientes resultarão de tal conducta: mais um passo agigantado na decadencia da cidade e mais um titulo de condemnação e de desprezo, na consciencia dos poucos que se prezem e das gerações vindouras, para todos os actuaes elementos dirigentes d'esta terra.

Ha tambem ali uma classe academica, que ainda ha poucos dias procurou demonstrar a actividade do seu espirito solemnizando uma das epopeias grandiosas da historia portugueza. Se realmente tem o intuito louvavel e sympathico de reagir contra a inercia e atonia que dominam a mentalidade aveirense, porque não aproveita a occasião de o affirmar praticamente iniciando uma propaganda salutar contra o facto que mais fere o seu decoro e a toca mais de perto? Ou sob apparencias de rasgo e valor occulta-se sómente o movel desgraçado de seduzir as bellas por phrases chochas de principios e rasgos de rhetorica balofa? Se os estudantes d'Aveiro valem alguma cousa, se os guia alguma ideia aproveitavel, ahí teem uma occasião magnifica de o provar protestando bem alto e bem claro contra um attentado escandaloso á causa da intelligencia e do saber.

Emfim, se não foi justificadamente que a gente progressista deu como sapateiro para os effeitos eleitoraes e civicos um individuo da cathogoria e da pujança do sr. Sebastião de Carvalho Lima, se não querem que o publico ache justas e sensatas tropelias semelhantes ou identicas feitas aos maiores proprietarios aveirenses, que o provem estes todos promovendo uma representação publica e solemne contra o desayvergonhamento que se projecta a proposito do lyceu.

Já vimos quanto é estapafúrdio e tolo argumentar-se com as suppostas opulencias e grandezas do edificio do largo municipal. Já vimos quanto é indigno do nome de José Estevão, quanto é selvagem, á face do respeito devido aos monumentos, lançar-se áquella casa o camartello dos arranjos. Encarada por outro lado, não é menos abjecta a heroidade barbara.

Em primeiro lugar, a economia não é nenhuma, ou é de tão pequena monta que nem por sombras justifica o vandalismo. Porque não só se vae gastar dinheiro na construcção d'um edificio, que não satisfará por fórma alguma ás necessidades que presentemente se requerem n'uma casa d'instrucção, enquanto que pela mesma quantia seria possível elevar-se ou adquirir uma casa em condições satisfactorias para repartições publicas. como se dispenderá uma somma não pequena em estragar o lyceu, isto é em adaptar o edificio ao fim a que presentemente o querem destinar.

Em segundo lugar, não se pôde dizer que não haja sitio central para o novo edificio. Ahí teem as ruínas da casa José Rezende, ahí teem a casa do antigo hotel do Vouga, hoje propriedade do conde da Porcalhota!

Em terceiro e ultimo lugar, podiam expropriar o edificio do hospital e construir ahí o que se projecta. D'essa fórma prestavam tres serviços á cidade. Um, habilitar a santa casa, ou ao menos auxilia-la com o valor da expropriação, a construir para hospital um edificio em boas condições. Outro, eliminar o existente que é um foco d'infeccões. Outro, dotar a povoação com uma casa bella, nova e aceiada n'aquelle sitio tão central e tão bem localisado.

Parece que era esta a resolução tomada, pelos nossos inclitos patões mores, quando o sr. Barbosa de Magalhães apresentou na camara um projecto para que fosse concedido á junta geral d'este districto o subsidio de 8:000\$000 para construcção d'um edificio destinado ás repartições publicas. Porém, como era uma ideia aproveitavel e sensata, foi posta de parte immediatamente.

Tudo aconselha, pois, uma resistencia legal, mas decisiva e energica, á selvageria firmino-progressista.

Continuaremos a campanha.

De maneira que o *Damião de Goes*, e vamos a vêr se resumimos isto em poucas palavras que ainda hoje temos mais em que pensar e cousas mais sérias em que encher o jornal, entende que o sophisma substituiu o argumento e que a polemica já não versa senão sobre questões de palavras. E para o corroborar e provar, pede-nos, *azedado e tesos*, que quando transcrevermos cousa escripta por elle conservemos a orthographia do original para lhe pouparmos a vergonha, perante os nossos leitores, de ter escripto *sujeito e grotesco* em lugar de *sujeito e grotresco*. Olhem que realmente é ponto magno na questão que se debate! Sem a rectificação reclamada, ficava a pendencia perdida para o campeão da coherencia politica do sr. Jacintho Nunes e desacreditado no conceito do publico o articulista d'Alequer! D'onde se vê que, apesar de dizer mal do tal zenor Lemos, sempre ficou com os seus laivos do mestre e d'onde se prova que tem carradas de razão em affirmar que a polemica já não versa senão sobre questões de palavras.

Vê? Que precisão tinha o amantissimo collega de mostrar, sem subterfugios, que é a prova pessoalissima e viva do que pretende imputar aos adversarios? Que precisão tinha de patentear a sua irritabilidade suppondo des-

composição e revisão typographicas, que nem nos jornaes mais perfectos do mundo sahem feitas? E de mais a mais sem poder lançar a responsabilidade sobre os auctores, nem exigir sem ridiculo rectificações que, já por causa dos *Damiões* que possam surgir por esse mundo, o *Povo de Aveiro* tem feito dezenas de vezes. Porque, se o collega fosse mais reflectido, percorreria alguns numeros d'este jornal e logo encontraria em algum d'elles, e em primeira noticia, um pedido aos leitores para que dessem a devida justificação a lapsos typographicos e até *erros grammaticaes* (textual) que, *pelas causas conhecidas nos jornaes*, sahiam ás vezes no nosso semanario.

No proprio numero 298, em que principiamos pela resposta que lhe provoca a sua mal cabida queixa, sahio uma local identica. Isto sendo aliaz o *Povo de Aveiro* dos jornaes mais bem revistos da provincia, não obstante os auctores dos seus artigos os não reverem geralmente!

Vê? Que precisão tinha, sendo o collega uma pessoa tão distincta, dos nossos typographos se estarem rindo ao comporem este artigo?

De resto é mania, e nada mais, a presumpção que tem de que lhe tiram a questão do seu terreno e lhe sophismam o que diz. Não tirámos tal, que seria dar-nos provas de tolo chapadissimo. A' letra e bem á letra é que nos convém as palavras do collega. Já lh'o dissemos e não cessaremos de lh'o repetir.

O collega disse ou não disse que se os srs. Jacintho Nunes, Consiglieri Pedroso, Theophilo Braga e José Elias Garcia fossem ministros com o regimen vigente, nem por isso deixariam de ser honrados, dignos, leaes e fieis á causa republicana? Isso é que convem; diga lá se disse ou se não disse.

O collega disse ou não disse que se os actuaes corypheus da democracia portugueza fossem ministros, se-lh-hiam muito bem, porque não renegariam, nem atraiçoiariam, nem deslustrariam as suas opiniões republicanas, visto que seriam ministros da monarchia mas não ministros do rei? Disse. E, se o disse, o collega não vê que não temos a minima necessidade de lhe sophismar cousa nenhuma, nem de lhe afastar a questão uma linha que seja do seu pé? Não vê que disse um absurdo de tal ordem, que basta expo-lo nu e cru a quem nos lê para matar a questão pela base mais quem proferiu tamanha heresia? Não vê que só por muita deferencia para consigo a temos sustentado? Em que é que a nossa vaidade se pôde li-songear com as suas contradicções? Novamente lhe repetimos o que lhe dissemos nos numeros anteriores: Deus nos livre de vir buscar a esta polemica os nossos fóros d'esgrimista. Porque se não valem nada, não ficariamos valendo mais com tão facil triumpho.

A respeito de contradicções está da mesma fórma illudido o collega, fingindo illudir o publico quando nos accusa de lh'as procurarmos á força. Não procuramos tal nem procuraremos nunca. Temos sempre feito obra pelas suas proprias palavras, transcriptas fielmente para aqui (á parte o gru...tesco!)

Lá vão ellas pela decima vez. Referindo-se aos chefes o collega escreveu: «Se disseram que era o rei quem governava e mandava em Portugal, disseram muito bem, porque é a verdade.» E n'outra parte escreveu que se os chefes republicanos fossem ministros seriam ministros da monarchia e não ministros do rei, que por outro lado entende com os referidos mesmos chefes que é quem manda e governa em Portugal, e então seriam ministros sem apostar e sem atraiçoar a causa republicana!

Eram ministros da monarchia

mas eram republicanos. Uma cousa que só o *Damião de Goes* percebe!

E continuou: «Se disseram que baldadas seriam as boas intenções de todos os politicos com o sr. D. Luiz de Bragança, disseram um disparate.» Não é contradicção? Quem ousa affirmar que o não seja, e flagrante, e patente? Se o *Damião de Goes* afirma que não queria dizer o que disse, responder-lhe-hemos que ninguem pôde entrar no espirito dos outros. Se afirma que não ha contradicção no que escreveu, responder-lhe-hemos, como já lhe respondemos outro dia, que tem tanto valor essa sua affirmacção como se affirmasse que um pau é uma pedra.

Mais. Escreveu o *Damião de Goes*: «Se tambem escreveram que a monarchia era incompativel com todas as reformas de liberdade e de progresso, outro erro palmar commetteram, contra o qual protesta a historia de todos os povos e do nosso proprio paiz.» E n'outro sitio: «Reformas liberaes, reformas democraticas dentro da monarchia, são uma burla d'especulador manhoso. Concede-as a monarchia quando lhe augmentam a força, o prestigio, a lista civil; oppõe-se-lhes tenazmente, deturpa-as, illude-as quando lhe atacam as prerogativas, ou vão d'encontro aos seus interesses economicos. Tem-no provado a historia de todos os paizes, especialmente do nosso ainda bem recentemente.»

Mas o nosso sentido era outro, exclama o *Damião de Goes*! E que diabo nos importa a nós com o sentido do collega, demais a mais um sentido tão differente do sentido de toda a gente? O facto é que a contradicção é palpavel e saliente, como affirmámos. Salvo para quem affirmar que pau é pedra e a lua é sol! E' um negocio de convenção. O collega que veja se consegue que o mundo dê ás cousas outro nome. Pelo Diccionario é que não consegue nada. O Diccionario diz: «*Deturpar*—desfigurar, desfear? *Illudir*—enganar, frustrar, illudir as leis, buscar subterfugios para as não executar?» Muito bem, diz perfectamente, reforça a nossa affirmacção, como o proprio collega chega a confessar.

Mas isso, volta o *Damião de Goes* é para quem lê superficialmente o que diz o Diccionario. Porque se a monarchia desfigura o suffragio, se a representação das minorias é uma burla, se deturpa o registo civil, é porque a opinião publica não é forte, justa e illustrada; é porque a nação não conhece os seus direitos. Poderá! Mas se a opinião fosse forte, illustrada e justa, se a nação conhecesse os seus direitos, não existiria a monarchia, que é o primeiro e mais odioso de todos os privilegios, a primeira usurpação, a primeira desigualdade. E não existindo a monarchia é bem de vêr que não haveria reformas que com ella fossem incompativeis!

Realmente o *Damião de Goes* é impagavel e é unico!

Porém como no fundo se comprehende tudo pelo desejo innocente do collega em ficar o menos mal collocado que ser possa para o publico, já que proferiu tanta heresia n'um momento de imprudencia, teremos ainda no numero seguinte a pacatez de o aturar, não obstante o aborrecimento nos ter já excedido a raizinha dos cabellos.

Mas lá que é impagavel e é unico, isso é!

CARTA DE LISBOA

9 de Dezembro.

Não vale a pena, afinal, estar a gastar mais palavras com o pequenino Robespierre sr. de Martel. Já lhe dissemos o sufficiente. Além d'isso o *Povo de Aveiro* tem demonstrado de sobejo, não com

palavras chochas de sentido, mas com argumentos irrefutaveis e sérios, como é que os membros do *Directorio Republicano* teem feito o que é possível fazer-se em prol da nossa causa. Que o leia o actual director do *Seculo* e verá que o não enganámos!

Ainda não discordou da maneira de proceder dos seus estimaveis collegas? E' isso que importa saber. Aceita todas as tropelias e todas as torpezas conhecidas do publico. Approva, emfim, como todos os outros a proposta Jacintho. Muito bem. Deixemos o ridiculo do sr. de Martel ser portuguez e francez, radical e oportunista ao mesmo tempo, gambettista e rochefortista e aproveitemos apenas a unica cousa séria do seu artigo do *Seculo*. O sr. de Martel, não esqueçam os leitores republicanos, approva a infamissima e torpissima fusão barjonacea. E depois d'isto seja lá o que quizer que para nós não é nada.

—Houve hontem conselho de ministros.

—Lê-se hoje no *Diario de Noticias*:

O incendio é no hospital de S. José, diziam os bombeiros, que corriam para esse lado, ás pessoas que lhes perguntavam aonde se havia propagado o sinistro, hontem ás 7 horas da manhã.

Um fogo no hospital era caso serio, poderia ter gravissimas consequências.

A terrivel noticia circulou na cidade com a rapidez do relampago e muita gente correu ali a indagar do acontecimento.

Uma espessa columna de fumo, que o vento empurrava para o centro da cidade ainda produzia mais susto e chamava as atenções de toda a gente.

Felizmente o caso não era tão grave como se chegou a suppor. O incendio era em uma das estufas da lavanderia, na cerca do hospital, desviada do corpo principal do edificio e de todas as suas outras dependencias.

Manifestara-se por combustão, produzida pelo calor, em uma pouca de roupa de lã.

Accudiu a bomba n.º 3, do Largo do Mastro com o respectivo pessoal, e com outros bombeiros, tanto municipaes como dos voluntarios reaes da Ajuda, que tem uma das suas machinas n'aquelle estabelecimento.

E ao cabo de meia hora de bom trabalho o fogo foi apagado sem causar outros prejuizos.

—Foi muito bem recebida a noticia da solução da crise franceza. Os republicanos deram uma alta ideia da sua abnegação e sensatez. E, seja dicto em verdade, é aos radicaes que pertence a gloria de tudo.

Depois do triste negocio Wilson o sr. Grévy não podia continuar presidente da republica. Estava até certo ponto enodoado. Além d'isso o sr. Grévy tinha-se comprometido muito por um espirito faccioso e pouco recto. Foi ao sr. Clémenceau que coube a gloria de lhe intimar a sahida. E o sr. Clémenceau unicamente obteve com uma conducta habillissima e uma propaganda energica a solução Carnot. O sr. Ferry não desistiu da sua candidatura senão quando a viu irremediavelmente perdida.

—Naufragou na costa do sul o vapor hespanhol *Isla de Panay* que tinha sahido de Corufia com 122 marinheiros militares sob o commando do tenente D. Ramon Duran, com destino a Cartagena. Ignoram-se pormenores da catastrophe.

—Consta que está muito doente o sr. D. Luiz. Diz-se que a doença é incuravel e que vão sobresaltos no paço d'Ajuda.

—O juiz encarregado d'intentar acção judicial sobre os implicados na falcatura Hersent havia interposto a sua incompetencia que a relação não acceitou. Será, pois, no terceiro districto que correrá o processo.

—Diz um jornal com carradas de razão:

E' incrível o que se está passando na cidade com relação aos atropellamentos, e mais incrível é ainda o desleixo da policia, que não tem olhos para ver, nem energia precisa para cohibir o abuso condemnavel das correrias desenfreadas que os trens fazem por essas ruas, violando d'esta fórma e descaradamente a respectiva postura municipal.

Hontem ás 5 e tres quartos da tarde seguia pela rua Nova da Palma uma mulher com duas creanças, uma pela mão e outra mais adeante, e ao virar para a Carreirinha do Socorro, foi esta creança atropellada por um trem do Domingos Saloio, passando-lhe uma das rodas por cima do peito, ficando muito ferida n'essa parte do corpo e na cabeça. A infeliz foi levada para o hospital, onde recebeu tratamento, indo depois para sua casa, a pedido da mãe.

O cocheiro foi preso por dois transeuntes, porque a policia não appareceu!

Providencias, sr. governador civil, providencias!

—Vae passando a impressão das ultimas luctas jornalisticas. E por ora não consta que se haja desaggravado o jornalista republicano. Y.

CARTA DA BARRADA

Dezembro, 10.

Ligada á creação da escola de viticultura, que foi decretada para a Bairrada, e que, segundo se diz, vae ser estabelecida em Anadia, está formado o projecto de grandes melhoramentos para a villa, indicados por quem, junto do poder, e dispondo de valiosas influencias, tem interesse no engrandecimento da sua propria terra. Só assim se explica que a escola de viticultura da Bairrada se vá estabelecer em uma propriedade, cuja expropriação vae custar muito dinheiro ao Estado, e em um local que não é de certo o mais apropriado para as culturas especiaes e tratamentos anti-phyloxericos de que tem de occupar-se a escola. Em muitos outros pontos da Bairrada, com menos dispendio para o Estado e mais proveito para os povos d'esta localidade, poderia instalar-se a escola de viticultura. Mas, se o pensamento principal que presidiu á creação da escola, foi expropriar por utilidade publica uma das melhores vivendas do centro da villa de Anadia para abrir avenidas e vender terrenos aos particulares para novas edificações, sob o plano de dar á villa um aspecto de cidade... em miniatura, o plano então, se pôde dizer-se que foi bem urdido por quem principalmente houver de interessar com as obras projectadas, mais agrava a condescendencia do governo, autorisando despesas avultadas, que não utilizam á escola de viticultura e só levam em vista beneficiar materialmente a villa de Anadia. Ora o thesouro não está tão repleto de ouro, que possa dispender em obras de ostentação para uma villa de somenos importancia quantias avultadas que sahem todas dos contribuintes e que deveriam, por decoro, ter mais justa applicação...

Temos sido acerrimo partidario da creação das escolas de viticultura e sempre sustentamos a necessidade de se estabelecer uma na Bairrada, região vinhateira de reconhecida importancia. O que desejavamos era que, á sombra d'uma ideia sympathica, não ficasse em Anadia uma escola cheia de deficiencias, com terreno de menos, e umas avenidas ostentosas, repletas de chalets, com terreno de mais...

NOTICIARIO

O «Povo de Aveiro» vende-se em Lisboa, na rua do Arsenal, n.º 96.

EXPEDIENTE

Esta semana enviamos recibos para as seguintes localidades:

Lourinhã, Marvão, Mealhada e Mogofores.

Esperamos que os cavalheiros a quem elles dizem respeito os satisfaçam, logo que lhes sejam apresentados pelos respectivos empregados do correio.

Por não nos ser possível fazer toda a cobrança de assignaturas pelo correio, rogamos aos srs. assignantes das localidades abaixo mencionadas o obsequio de solverem os seus debitos á administração d'este jornal por o meio que lhes convenha melhor. E' fineza que esperamos de todos.

Aos cavalheiros que com tanta pontualidade têm satisfeito os seus recibos, o nosso reconhecimento.

As localidades a que acima nos referimos são:

Alquerubim, Arada, Arruda das Vinhas, Costa de Vallade, Eixo, Esgueira, S. Bernardo e Silveiro.

Não publicamos hoje o artigo sobre questões militares por ser muito extenso e por dispormos de pouco espaço. Fica para o numero seguinte.

Em reunião effectuada no ultimo domingo, a Companhia dos Bombeiros Voluntarios de Aveiro escolheu para seu commandante o nosso estimado patricio e distincto engenheiro, o sr. João Honorato da Fonseca Regalla.

A escolha foi feita por aclamação de quasi todos os membros d'aquella corporação, a despeito da má vontade d'alguns que se empenhavam porque fosse nomeado um individuo, que pôde ser muito boa pessoa, mas que não tinha competencia nenhuma para exercer aquelle lugar. Segundo consta, até com isto se pretendia fazer politica. Já é!

A companhia dos bombeiros, seja dito em abono da verdade, tinha-se ultimamente desviado dos fins humanitarios para que foi creada, devido á leviandade de quem a tem dirigido. Se houvesse menos vaidade e se não fosse tão grande a vontade de fazer figura, ter-se-hia evitado que aquella corporação chegasse ao estado anarchico a que chegou e que fez com que alguns dos seus membros a abandonassem desgozados.

Folgámos por isso immenso quando soubemos da escolha que se havia feito para commandante. O sr. João Honorato é um cavalleiro competetissimo para occupar este lugar e podemos afirmar que a escolha não podia ser mais acertada.

Fiaíms, portanto, que s. ex.ª, com a sua boa vontade, ha de fazer progredir a companhia dos bombeiros, desviando-a de maus caminhos e arrancando-a do abatimento a que ella chegou. E são esses os nossos desejos.

Deve começar a vigorar do dia 15 em diante uma nova tarifa, por preços muito reduzidos, para transporte de sal entre Portugal e Hespanha.

Sob o commando do sr. capitão Peres sahiu hontem para o Porto um destacamento de 60 praças de cavallaria 10.

O que ha pouco tinha marchado para Coimbra recolheu na quarta-feira a esta cidade e o que se achava em Vizeu deve chegar por estes dias, vindo já em marcha.

O inspector dos incendios do Porto, o sr. Guilherme Gomes Fernandes, acaba de introduzir um importante melhoramento no serviço de incendios, com a aquisição de lampadas electricas do systema Trouvé, destinadas aos bombeiros que, em occasiões de

sinistro, percorrem o interior das habitações.

Essas lampadas, muito sólidas, elegantes e portateis, carregam-se com bicromato de potassa e contém uma p'ha composta de doze carvões e seis zínco que, em contacto com o liquido, produzem a incandescencia de um pequeno arco voltaico resguardado por duas campanulas de vidro. A carga do bicromato dura 3 horas e o seu custo é de 50 réis.

Estas lampadas vem substituir o uso de archotes que, como é sabido, fazem grandes estragos no interior das habitações, muitas vezes poupadas pelo incendio. Uma outra vantagem—e essa de primeira ordem,—é permittir ao bombeiro o accesso seguro nos locais onde se tenham accumulado gazes explosivos.

A luz das lampadas Trouvé é muitissimo viva.

O nosso patricio e amigo o sr. Elysio Filinto Feio acaba de mudar o seu estabelecimento de ourivesaria da rua da Alfandega para a de José Estevão.

Recomendamos ao publico este estabelecimento, que tem tudo o que ha de mais moderno, e onde se executam com inextinguível perfeição todos os trabalhos respeitantes á arte de ourivesaria.

Na administração do concelho de Beja realison-se ha dias um casamento civil. Os consorciados foram o sr. Manuel Joaquim Botica e a sr.ª D. Marianna Amelia.

Vae ser julgado no 2.º conselho de guerra, antes das ferias do Natal, o segundo processo do alferes Marinho da Cruz, assassino do cabo Pereira.

A defeza do réu continua confiada ao sr. Thomaz Ribeiro, sendo promotor de justiça n'este conselho o major de cavallaria, sr. Pimenta Pinto.

O presidente do conselho de guerra é o coronel de cavallaria 9, sr. Moraes Carmona; auditor, o juiz de 1.ª classe sr. Carneiro Zagallo; vogaes, os srs. major do corpo de estado maior Leopoldo Caldeira, capitão de cavallaria Tenreiro Ilharco, capitão de artilheria Fernandes Costa, tenente de infantaria Gamboa e alferes de cavallaria Candido Ribas; vogaes supplentes, os srs. tenente coronel de infantaria Bocarro e capitão de artilheria Silvestre de Andrade.

Vae ser collocada uma linha telegraphica entre esta cidade e a villa de Angeja, seguindo até Albergaria.

Recebemos de Lisboa o numero-programma de um novo jornal, órgão dos empregados de obras publicas. Tem por titulo *Gazeta de Obras Publicas*.

Os empregados do commercio em Elvas estão tratando de fundar um gremio, não só para seu recreio, como para propagação de educação.

Tencionam organizar uma bibliotheca e abrir escolas, que os socios possam frequentar nas suas horas vagas.

Proseguem activamente os trabalhos da construcção da colossal torre Eiffel, um dos maiores progressos industriales da França moderna e que certamente será uma das maravilhas da exposiçao universal de 1889.

Eis alguns detalhes ácerca da construcção d'aquella assombrosa obra:

No centro das quatro gigantes pilastras da torre Eiffel, haverá um grande tanque d'agua, de vinte e quatro metros de diametro, e no meio d'este uma plata-fórma de doze metros, onde assentará uma fonte monumental de nove metros de altura.

Esta plata-fórma é dividida em cinco bacias, separadas por pedestaes, supportando cinco grandes figuras allegoricas: as cinco partes do mundo.

A Europa, personificando a sciencia philosophica, reflectida e meditativa.

A America, a actividade industrial.

A Asia, o sensualismo.

A Africa, a escravatura abolida.

A Oceania, as raças primitivas, os selvagens e a guerra.

No centro, e dominando estes cinco grupos, eleva-se um massiço esculptural, constituido por uma esphera sustentada por nuvens.

Seis figuras se acham grupadas em volta d'este massiço.

A Historia, sustentando um escudo no qual figurarão as datas 1789-1889.

Mercurio, symbolisando o commercio.

O Somno, o amor.

Em cima da esphera, em posição meia deitada, muito graciosa, uma mulher, representando a noite, envolvida em véus que levantava um genio collocado no lópo e que representa a luz.

D'uma mão, o genio levanta o véu da noite emquanto que na outra mão acaida sustenta um facho, do qual sahirá um poderoso raio de luz electrica.

O monumento é d'um aspecto grandioso.

A agua sahirá das roupas que ornem os grupos, emquanto que as nuvens lançarão no ar uma fina poeira liquida, d'um efeito original.

Quando se dêrem as festas de noite, ajuntar-se-ha para o effeito decorativo d'esta fonte a projecção de raios de luz electrica, dirigidos das quatro pilastras da torre nas aguas.

O sr. Luiz Augusto de Oliveira, cirurgião-mór de cavallaria 10, foi transferido, a seu pedido, para infantaria 3, em Vianna do Castello.

O ouro depositado na thesouraria dos Estados-Unidos, nas arcas de Washington, peza 519 toneladas.

Se o accommodassem em carros communs, uma tonelada em cada carro, far-se-ia um comboyo de seis milhas de extensão, concedendo 20 pés de espaço para o que occupa o cavallo com o carro.

A prata existente nas mesmas arcas peza 7:369 toneladas.

Em Portugal a coisa é muito differente: cada vez estamos mais cheios de dividas e os impostos augmentam de dia para dia. Tambem não ha quem nos leve a palma em aferrolhar... teias d'aranha.

No *Diario do Governo* veio publicado um decreto, determinando que para o exercicio das industrias, profissões, artes ou officios, constantes dos n.ºs 7, 12, 29, 34, 89, 90, 94, 104, 209, 216, 253, 262, 286, 288, 303, 304, 306, 309, 332, 349, 414, 482, 483 e 485 das tabellas da contribuição industrial juntas ao decreto de 3 de junho de 1880; e para o exercicio da penultima tabella A junta á lei de 15 de julho ultimo, é obrigatorio, a contar de 1 de janeiro proximo futuro, o pagamento do imposto da contribuição industrial por meio de licença, a qual deve ser tirada no mez de dezembro, quando deva ter começo em 1 de janeiro immediato, e em todos os demais casos até ao dia 10 do primeiro mez do trimestre em que igualmente tenha de começar a vigorar.

Com a contribuição industrial serão cobrados os impostos directos para o municipio pelas percentagens que respectivamente se achem ou forem fixadas, e bem assim o addicional nos termos da lei de 30 de julho de 1887.

Os escrivães de fazenda farão

imediatamente avisar os contribuintes residentes nos seus bairros, ou concelhos, e collectados nas matizes de 1887 pelo exercicio das industrias, profissões, artes ou officios de que trata o artigo 1.º, para solicitarem as respectivas licenças nos prazos fixados no mesmo artigo, sob a pena comunicada no artigo 12.º do regulamento de 8 de setembro ultimo, a qual lhe farão impôr no caso de falta, levantando para esse effeito os competentes autos.

O imposto do sello de licença que fôr devido pelo exercicio de qualquer das industrias, profissões, artes ou officios de que trata o artigo 1.º, será cobrado por meio de estampilha collada e inutilizada na licença para cobrança da contribuição industrial.

As licenças concedidas para o exercicio das industrias, profissões, artes ou officios, a que se refere este decreto, não isentam os contribuintes da licença administrativa ou camararia que por leis ou regulamentos especiaes sejam obrigados a tirar para o exercicio das mesmas industrias, profissões, artes ou officios.

Foi transferido para Vizeu o sr. engenheiro Figueiredo, chefe d'esta secção hydraulica.

Foi participado no domingo ás auctoridades de Vizeu que no sitio de Villar, freguezia de Povoa, estava estendido e n'um charco de sangue o cadaver d'um homem. As auctoridades partiram para alli immediatamente, fazendo-se acompanhar por dois facultativos.

O cadaver jazia dentro d'uma propriedade e estava rodeado de estacões, apresentando signaes de ter havido uma malvadez incrível da parte dos assassinos. Na cabeça havia uma grande ferida feita com instrumento contundente e varias navalhadas. Uma das orelhas da victima estava mutilada.

Ha suspeitas de quem foram os assassinos e mandantes d'este repellente crime e as indagações por parte das auctoridades proseguem activamente.

Appareceu morto na casa onde vivia só, um dos desgraçados professores primarios da cidade de Bragança.

Os discipulos, vendo que elle não apparecia, dêram parte á policia; esta arrombou a porta, deparando com o horroroso quadro.

Quem sabe se o pobre professor morrera de fome? Talvez; e desgraçadamente já não era o primeiro.

ENCADERNADOR

Precisa-se d'um rapaz até 15 annos, com alguma pratica, e um aprendiz.

119, RUA DIREITA, 121—AVEIRO

CONTRA A DEBILIDADE

Recomendamos o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco-Filhos, por se acharem legalmente auctorisados.

BIBLIOGRAPHIA

As doidas em Paris. — Da empreza editora Belem & C.ª recebemos a caderneta n.º 4 da segunda edição das *Doidas em Paris*, um dos romances mais notaveis e mais lisongeiramente apreciados de Xavier de Montepin.

Veja-se o annuncio.

Historia de Victor Hugo. — Sahiu o 32.º fasciculo d'esta obra, de Cristobal Letran, e traduzida por Teixeira Bastos.

Veja-se o respectivo annuncio.

A Martyr. — Recebemos o fascículo 47 d'este interessante romance de Emile Richebourg, traduzido pelo sr. Julio de Magalhães e editado pela empresa dos Serões Românticos.

Assigna-se em Lisboa na rua da Cruz de Pau, 26.

Revista de Medicina Dosimétrica. — Recebemos o numero 12 do 8.º anno.

Assigna-se na pharmacia J. B. Birra, Loyos, 36—Porto.

A Illustração Portugueza. — Recebemos o n.º 20 do quarto anno d'esta revista litteraria e artistica, que continua a ter a melhor acceitação da parte do publico.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

O Mundo Elegante. — Publicou-se o n.º 49 d'este magnifico jornal de modas, elegancia e bom tom, dedicado ás senhoras portuguezas e brasileiras.

ANNUNCIOS

MUITA ATENÇÃO

JOANNA Rosa de Almeida declara que desde o dia 1.º do corrente deixou de ser seu procurador o sr. Duarte Ferreira da Fonseca, e que desde aquelle dia em diante todos os negocios que lhe digam respeito são tratados directamente com a declarante ou na sua falta com o seu actual procurador José Ricardo da Maia Romão.

TORNO DE RODA DE BALANÇO

VENDE-SE um com cabeçotes de ferro, que pôde tornar com 44 centímetros de diametro madeira, ferro e pedra. Acha-se em muito bom estado.

N'esta redacção se diz.

Venda de casa

VENDE-SE a casa de Antonio Salgado, com grandes accommodações, na rua da Praça. Para tratar com seu dono, na mesma casa.

Agencia Economica, Maritima e Commercial



Passagens nos vapores de todas as Companhias da carreira do Brazil (por preços baratos, sem competencia).

Preços em 3.ª classe para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos, incluindo passagem no caminho de ferro e condução para bordo a

28:000 RÉIS

Para o Pará e Manaus sahirá de Lisboa o paquete MANAUENSE, em 14 de setembro.

Para o Pará sahirá o paquete LANFRANC, em 26 de agosto.

Para a provincia de S. Paulo dão-se passagens gratis.

Para informações e contrato de passagens, em Aveiro, rua dos Mercadores, 19 a 23.

Manuel José Soares dos Reis



Na rua dos Mercadores, n.º 19 a 23, em Aveiro, faz e m-se guarda-soes de todas as qualidades,

cozertam-se e cobrem-se com sedas nacionaes e outras fazendas. Trabalhos perfeitos e preços barattissimos.



Vinho Nutritivo de Carne

Privilegiado, auctorisado pelo governo, e approvado pela junta consultiva de saude publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene da corte do Rio de Janeiro

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou inacção dos órgãos, rachitismo, consumpção de carne, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doencas aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellent «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envolveros das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro napharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorisada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres grávidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 réis. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

ANGELO DA ROSA LIMA
COM

OFFICINA E DEPOSITO DE MOVEIS

Aveiro, Rua dos Mercadores, n.ºs 42, 44, 46, 50 e 52

TEM grande sortido de moveis, taes como: commo-das, meias commo-das, cadeiras de diferentes feitios, mezas de gostos diferentes, camas, lavatorios, toucadores, caixas de cabeceira, cabides etc., etc.

Tem tambem espelhos de crystal em diferentes tamanhos, assim como galerias, epatères e grande sortido de molduras de diferentes larguras em dourado e preto, o que tudo vende por um preço convidativo e sem competidor n'esta cidade.

DINHEIRO PARA TODOS!!!

Mais de tres mil contos em premios á disposição dos freguezes de **ANTONIO IGNACIO DA FONSECA**, rua do Arsenal, 56 a 64 — Lisboa

O CAMBISTA Antonio Ignacio da Fonseca convida para a grande loteria de Madrid de 23 de dezembro de 1887. Tem variadissimo sortimento de bilhetes, decimos, centenas, meias centenas e dezenas.

PREÇOS — Bilhetes 105000; meios bilhetes 52500; decimos 102500; cautelas de 4800, 33000, 23400, 13200, 600, 480, 240, 120 e 60 réis; centenas de 480000, 240000, 120000, 60000, 48000, 24000, 12000 e 6000 réis; meias centenas de 240000, 120000, 60000, 48000, 24000, 12000, 6000 e 3000 réis; dezenas de 48000, 30000, 24000, 12000, 6000, 4800, 2400, 1200 e 600 réis.

(As centenas e dezenas têm premios certos.)

O cambista Antonio Ignacio da Fonseca satisfaz todos os pedidos na volta do correio, quer seja para jogo particular ou para negocio, vindo os pedidos acompanhados das importancias.

As remessas são feitas pelo seguro do correio. Envia listas e planos.

Plano da loteria de 23 de dezembro de 1887

1 de 450:000\$000	4 de 14:400\$000	2 ap. 9:000\$000
1 de 360:000\$000	6 de 9:000\$000	2 ap. 5:400\$000
1 de 480:000\$000	10 de 7:200\$000	2 ap. 3:600\$000
1 de 135:000\$000	20 de 3:600\$000	2 ap. 2:520\$000
1 de 90:000\$000	2:088 de 435\$000	2 ap. 1:800\$000
2 de 45:000\$000	4:999 de 87\$000	
3 de 22:500\$000	495 ap. 435\$000	7:642 premios.

BRINDE de 2:000\$000 nominaes de inscripções ou 250 libras em ouro, com a loteria de 23 de dezembro de 1887!!!

Antonio Ignacio da Fonseca oferece a todos os seus freguezes, que se habilitarem no seu estabelecimento da rua do Arsenal, 56 a 64, Lisboa, senhas para o brinde de 2:000\$000 nominaes de inscripções ou 250 libras em ouro á escolha do feliz.

Os compradores de um bilhete têm dez senhas, meio bilhete cinco, quinto do bilhete duas, e decimos uma. De fracções, centenas, meias centenas, dezenas e cautelas, por cada compra de 600 réis uma senha. O numero feliz é igual ao que tiver as 2.500:000 pesetas.

Aos compradores das provincias são enviadas as senhas para o BRINDE com a remessa das cautelas, bilhetes ou decimos. Os numerosos freguezes do cambista Antonio Ignacio da Fonseca têm grande sortimento de cautelas e bilhetes para se habilitarem, o palpite que não falha, e o BRINDE de 2:000\$000 réis de inscripções ou 250 libras em ouro!

E não perderem tempo em se habilitarem para a GRANDE LOTERIA DO NATAL na casa de

Antonio Ignacio da Fonseca

LISBOA

400\$000 réis a realisar em seguida com 40000 réis negocio absolutamente novo, RECOMMENDADO PELA IMPRENSA, muito honrado, unico e sem precedentes, não tendo nada de commum nem com o jogo, nem com a Balsa, nem com as loterias. Absolutamente nenhum risco. GARANTIA E SEGURANÇA. Um correspondente portuguez está addido á casa, explicações importantes são dirigidas gratuitamente a todo o mundo. MOMENTO UNICO. Escrever em seguida a Pariz a ALEX & C.ª, 8, Rue de Bagnoux.

JOÃO AUGUSTO DE SOUSA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM

— AVEIRO —

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, cammas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

PUBLICAÇÕES

Edição monumental

HISTORIA

DA

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com os retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha

4 VALIOSOS BRINDES A CADA ASSIGNANTE

Tem sido distribuidos com a maxima regularidade 19 fasciculos d'esta obra e o 1.º BRINDE, trabalho de alto valor artistico que mereceu os maiores elogios dos competentes.

Já está concluido o primeiro volume.

As capas para a encadernação são feitas expressamente para esta edição.

A capa em separado custa 500 réis.

Para os assignantes que preferirem receber a obra aos fasciculos, continúa aberta a assignatura.

LOPES & C.ª successores de **CLAVEL & C.ª**

EDITORES

Porto — 119, Rua do Almada, 123 — Porto

A EDICÃO MAIS COMPLETA E MAIS ECONOMICA

CODIGO ADMINISTRATIVO

Approved por decreto de 17 de julho de 1886. Precedido do respectivo relatorio e com um appendice, contendo toda a legislação relativa ao mesmoCodigo, publicada até hoje, incluindo a lei das aposentações e reformas dos empregados civis, a reorganisação do Tribunal de Contas, o bill de indemnidade, que altera algumas disposições do mesmoCodigo, a nova lei do recrutamento, a tabella dos emolumentos administrativos e um copioso repertorio alphabetico.

Quarta edição

Preço brochado, 400 réis; encadernado, 400 réis. Pelo preço franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas á Livraria CRUZ COUTINHO, editora, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

A MARTYR

POR

EMILE RICHEBOURG

Edição Illustrada com magnificas gravuras francezas e com excellentes chromos.

VERSÃO DE

JULIO DE MAGALHÃES

10 RÉIS CADA FOLHA, GRAVURA OU CHROMO. — 50 réis cada semana.— DOIS BRINDES A CADA ASSIGNANTE.

A sorte pela loteria — 400\$000 réis em 3 premios para o que receberão os srs. assignantes em tempo oportuno uma cautella com 5 numeros.

No fim da obra— Um bonito album com dois grandiosos panoramas de Lisboa, sendo um, desde a estação do caminho de ferro do norte até á barra (19 kilometros de distancia) e outro é tirado de S. Pedro d'Alcantara, que abrange a distancia desde a Penitencia e Avenida até á margem sul do Tejo.

Assigna-se no escriptorio da empresa editora Belem & C.ª, rua da Cruz de Pau, 26, 1.º—Lisboa.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

AGOSTINHO DE CEUTA

DRAMA HISTORICO EM 4 ACTOS

3.ª edição emendada

VENDE-SE na Livraria Cruz Coutinho, editora, — rua dos Caldeireiros — PORTO.

Preço, 240 réis

TABELLA DOS EMOLUMENTOS

A cobrar nas secretarias das corporações e tribunaes administrativos, approvada por carta de lei de 23 de agosto de 1887 e precedida do respectivo relatorio.

Preço, 40 réis; pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas

Á LIVRARIA CRUZ COUTINHO, editora, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

NOITES ROMANTICAS

EMPRESA EDITORA

F. N. Collares.



80 reis cada fasciculo de 32 paginas, ou 24 e uma estampa. Assigna-se em Aveiro, na rua dos Mercadores, 49.